



EXPERIÊNCIAS NEGRAS 6

TECENDO VIVÊNCIAS

INSTITUTO TOMIE OKYAKE



CLIQUE
E ASSISTA



CLIQUE
E OUÇA



DESCRIÇÃO
DAS IMAGENS



SENSUALIDADE
DE FINO TRATO

Tula Pilar





Afegamento

Eu estava cheia de ouvir
Ela, cheia de falar,
E assim, nos inundamos no nosso próprio orgulho,
Então, morremos afogadas, no rio da saudade que
nasceu entre nós.

Sobre tolerar

A intolerância é a maior arma,
De destruição em massa.

Golpe

Seu silêncio acompanhado da ausência,
É um 'jab' de direita no meu peito.

Curtas

Tome cuidado com
As ve

Mas te mant

Quem s

Difícilm

Tenho inverno

Quando não vejo s

Pr

Ainda que

Pouco conseguira de



MINISTÉRIO DO TURISMO, SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
E INSTITUTO TOMIE OHTAKE APRESENTAM

EXPERIÊNCIAS NEGRAS 6

TECENDO VIVÊNCIAS

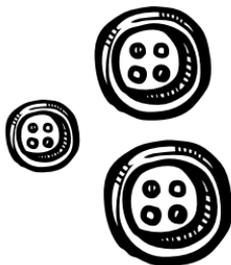
O Instituto Tomie Ohtake é um centro cultural sem fins lucrativos, com uma ampla programação gratuita que transborda a qualidade de suas exposições para, a partir das atividades do Núcleo de Cultura e Participação, oferecer um extenso programa educativo.



Os temas contemporâneos e transversais às múltiplas linguagens articuladas pelas exposições e pelos projetos desenvolvidos pela equipe do Núcleo de Cultura e Participação configuram um lugar singular para que possamos produzir questionamentos “com” e “para” a sociedade, como uma caixa de ressonância que reverbera a escuta do mundo para produzir revisões e reinvenções necessárias.

A Equipe de Ação e Pesquisa Educativa (EAPE) é a parte do corpo desta instituição que está presente de modo determinante nos espaços expositivos e ateliês, em um intenso e estreito diálogo com os públicos. Assim, não é casual que, durante a marcante exposição *Histórias Afro-Atlânticas* (2018), realizada pelo Instituto Tomie Ohtake e pelo MASP, seja deste grupo que tenham partido os questionamentos fundantes do projeto Experiências Negras.

As feridas presentes na sociedade e manifestas em nossas instituições culturais passam a ser remexidas, reviradas e revertidas. O racismo estrutural é

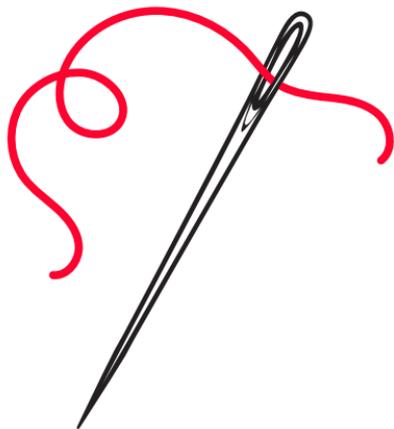


questionado e transformado em protagonismo negro trazido para o centro do debate da decolonização do mundo da arte por meio da interlocução com artistas, educadores, curadores e pesquisadores negros.

O resultado da sexta edição de Experiências Negras chega junto com o reconhecimento da relevância do projeto, contemplado pela Prefeitura Municipal de São Paulo com o Selo de Direitos Humanos e Diversidade Edição 2022-2023, o que nos estimula a intensificar suas ações de pesquisa e formação construídas coletivamente e reunidas nesta publicação.

Acompanhar de maneira próxima processos de criação, apoiar a experimentação, proporcionar processos formativos e reverberar produção de conhecimento por meio de publicações como esta são modos de expandir os trânsitos entre dentro e fora de uma instituição cultural para ocupar o debate acerca de necessárias transformações estruturais da sociedade, encarando o protagonismo negro como condição e compromisso em nossas ações.

Carol Tonetti
Diretora do Núcleo de Cultura e Participação
do Instituto Tomie Ohtake





SUMÁRIO

- 14** **Território de afeto**
 Jordana Braz
- 18** **CORPO**
20 **Experiências Negras:**
 do espaço expositivo
 para as casas de acolhida
- 42** **CONVITE**
44 **Dança(s) em prosa: de quantas**
 movências um corpo se faz?
- 56** **Entrevista com NeneSurreal**
- 72** **CONVÍVIO**
- 78** **CONTINUIDADE**
- 86** **Autoras**



CLIQUE
E OUÇA

A thick, vibrant red line that starts at the top right, curves down and left, then loops back up and right, ending in a small circular flourish at the bottom left. It occupies the upper and middle portions of the page.

TERRITÓRIO DE AFETO

*9 DE MAIO ... Eu cato papel, mas não gosto.
Então eu penso:
Faz de conta que eu estou sonhando.*

*Carolina Maria de Jesus
em Quarto de Despejo*

Compartilhar experiências no coletivo, presencialmente, foi um direito suspenso ou restrito neste início da década de 2020. No entanto, é constante a consciência de que o acesso a esse cuidado não foi igualitário. Estar em um ambiente protegido, com alimentação e espaço para refletir sobre suas vivências e sonhos pode ser uma realidade inacessível. Diante de situações em que os direitos básicos são negados, há espaço para criação e fruição da arte?

Quando falamos da escritora e multiartista Carolina Maria de Jesus (1914-1977), a realidade vivenciada por ela foi narrada através de seus diários. Para além da escrita, Carolina costurava suas roupas, cantava e compunha. Assim como o livro, a escritora lançou um álbum intitulado “Quarto de Despejo”, em que cantou 12 canções de sua autoria. Grande parte do cotidiano narrado no livro ocorreu na favela do Canindé, localizada na Zona Norte da cidade de São Paulo.

Carolina foi uma das grandes referências para a sexta edição do projeto Experiências Negras: Tecendo vivências,¹ ao lado das multiartistas Tomie Ohtake (1913-2015) e Anna Maria Maiolino (1942). Em suas origens e vivências pessoais, mesmo que distintas, as três artistas produziram suas obras em

¹ Subtítulo inspirado em uma conversa com a artista da dança, e participante desta edição, Janette Santiago.

uma sociedade racista, machista, misógina e xenofóbica. Anna Maria Maiolino e Tomie Ohtake são artistas imigrantes, Carolina Maria de Jesus e Tomie Ohtake são artistas não brancas. As três são artistas mulheres que vivenciaram a maternidade. Como propor diálogos entre as produções artísticas dessas mulheres, as vivências de outras mulheres e os tensionamentos ocorridos em pleno 2022?

A sexta edição do Experiências Negras ocorreu nos meses de julho e agosto de 2022, no CAE – Casa de Apoio Maria Maria, localizado em São Paulo, no bairro do Canindé, que, conforme mencionado anteriormente, é um território que foi vivenciado por Carolina Maria de Jesus em outra época. Foram realizadas seis oficinas para as mulheres atendidas pelo CAE nas áreas de literatura, dança e artes visuais. Como proponentes dessas oficinas, foram convidadas a escritora Jennyffer Nascimento, as artistas da dança Janette Santiago e Paula Salles e a graffiteira NeneSurreal. Os encontros trouxeram inúmeras reflexões para a Equipe de Ação e Pesquisa Educativa do Instituto Tomie Ohtake,² que acompanhou inteiramente o desenvolvimento dessa edição. Foi perceptível que realizar o projeto fora da arquitetura e do território do Instituto demandou um cuidado e uma escuta para além do alcance das artes e suas linguagens.

Nesta publicação, vocês encontrarão textos em formato de entrevistas entre a Equipe de Ação e Pesquisa Educativa do Instituto, além conversas com Janette, Paula

2 Equipe formada por Andrea Lalli, Guilherme Lima, Jordana Braz e Kaya Fernanda Vallim, com coordenação de Natame Diniz e Divina Prado e produção de Natália Vinhal e Gustavo Sousa.

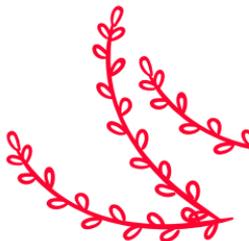
e NeneSurreal. O material está dividido por seções,³ intituladas *Corpo*, *Convite*, *Convívio* e *Continuidade*, e contam com relatoria poética da ilustradora Laís Oliveira e fotografias realizadas por Kaya Fernanda Vallim, educadora do Instituto Tomie Ohtake.

Tecer vivências é uma ação que realizamos diariamente, nos encontros e desencontros. Refletindo sobre o projeto, desde sua concepção até aqui, eu percebo que a sexta edição reverberou para além do âmbito profissional. A multiplicidade de histórias de vida requer um tempo para a escuta e a partilha. Costurar experiências em um momento fragmentado por um intervalo de tempo, como foram as oficinas, não foi uma tarefa tranquila. Os acontecimentos imprevistos e a transitoriedade que uma casa de acolhida possui requerem compreensão e acolhimento diante das expectativas e da realidade.

Nas vivências que se refletem como escrita, assim como os diários de Carolina Maria de Jesus e as poesias de Anna Maria Maiolino, a memória pode ser um território de afetos estratificados pelas palavras. Assim, esta publicação é um convite para vocês conhecerem um novo solo construído por muitas mãos, gestos e sonhos.

Boa leitura!

Jordana Braz



3 Títulos inspirados pelo Grupo de Estudos em Arte Educação, realizado pelo Instituto Tomie Ohtake no segundo semestre de 2022 e coordenado por Rayssa Oliveira.

CORPO





CLIQUE
E OUÇA

EXPERIÊNCIAS NEGRAS: DO ESPAÇO EXPOSITIVO PARA AS CASAS DE ACOLHIDA

O QUE É O PROJETO EXPERIÊNCIAS NEGRAS?

Jordana Braz

É um projeto que surgiu em 2018, através de uma ação feita e idealizada por mim e pela Luciara Ribeiro, que foi educadora aqui do Instituto e também é curadora. Nós pensamos em uma conversa sobre educadores e para educadores pretos(as), a partir dessa presença nas exposições de arte, e muito pela vivência de 2018, que foi um ano que teve várias exposições, não só em São Paulo, que traziam essa temática de arte afro-brasileira. Só que havia essa questão: muitos casos de racismo começaram a surgir, sendo denunciados por educadores. Então começamos a perceber que tinha uma questão ali. Tantos educadores pretos(as) falando de arte afro-brasileira, como isso causava uma tensão. Fizemos esse evento no dia 24 de novembro de 2018 e foi algo que a gente não esperava. Um sábado à tarde, com vinte pessoas – pensando que teve pessoas que não eram só de São Paulo, que vieram de outras cidades, que vieram até o Instituto para poder participar. Nós percebemos o quanto era potente, e não só por pensar essas presenças, mas que era importante, também, falar sobre essas experiências e narrá-las enquanto pessoas pretas trabalhando com arte e cultura.

A gente acabou ampliando um pouco esse pensamento de entender essas vivências em outros setores das instituições culturais. Isso é um resumo, pensando nas edições de 2019, 2020, 2021 e, agora, 2022. O projeto teve modificações. Como mencionei, tinha esse foco na presença de pessoas pretas em instituições culturais, só que a pandemia trouxe outros recortes. Em 2020, quando tudo fechou e muitas das ações passaram para o encontro on-line – o Experiências Negras tinha essa questão do encontro presencial muito forte –, o projeto acabou se transformando em *lives*, e em 2020 e 2021 tornou-se formação – oficinas que realizamos on-line. Agora ele volta para o presencial, entendendo que ele acontece na instituição, mas também tem esse diálogo com a vida para além dos muros e dessa arquitetura. É o primeiro ano que o Experiências Negras – esse período de formação, digamos assim – acontece em outro espaço que não uma instituição cultural.

Eu estava no primeiro encontro, e nos últimos quatro anos foi muito bonito ver o quanto o projeto é vivo – como pouquíssimos outros. Porque ele se alimenta das experiências dos corpos negros em espaços da arte e da cultura, e essa experiência que alimenta vai gerando outras experiências e trazendo outros corpos para perto. É um projeto que vai se transformando a partir das experiências que ele mesmo gera. É muito poroso, como a Jordana falou. A experiência, dentro desse contexto, é entendida não como algo que se propõe, se realiza e se resolve ali, mas como um gesto inicial que gera coisas das quais a gente nem tem tanta dimensão sobre o que serão lá na frente, porque elas vão continuando.

Divina Prado

O QUE VOCÊS ENTENDEM/ESTÃO VIVENCIANDO COM O PROJETO?



**Guilherme
Lima
Fernandes**

Acho que tem um entendimento do que é o Experiências Negras antes de entrar no Instituto e no pós-Instituto. Quando você está dentro do projeto, você visualiza de forma mais profunda, estrutural. Mas vou trazer a versão que foi de fora, de uma pessoa negra que estava buscando isso. Pra mim, esse projeto é um movimento de legitimação de vidas negras nesses espaços institucionais da arte. É falar para as pessoas negras que existe essa possibilidade de diálogo, e o que elas estão passando, outras pessoas também estão.

Essa forma de comunicação é muito interessante, porque a gente não se sente sozinho. Quando eu estava pesquisando isso na faculdade, no terceiro semestre, que era trazer experiências da negritude para dentro da arte-educação, encontrei o trabalho da Jordana e da Luciara e isso mexeu muito comigo, me transformou de alguma forma, porque vi que essas pessoas estavam nesses lugares – eu ainda não tinha acessado a arte-educação –, contando e vivenciando que a experiência não era fácil, mas era extremamente importante. Então, ver uma pessoa negra falando isso foi muito

importante, foi um projeto que legitimou a minha fala também. A gente precisa pensar quais são essas experiências, boas ou não, desses corpos/corpas dentro de espaços institucionais da arte. E acompanhar as outras edições foi entender que existe uma gama de conteúdos e aprendizados para falar quando relacionamos questões negras com questões da arte-educação. Então, ver mulheres negras falando, legitimando suas falas, a partir de espaços como as *lives*, foi muito interessante. Pessoas próximas, nessa relação de comunidade, ver amigos e amigas discutindo sobre arte, questões da negritude. Pra mim, esse é um projeto que marca que pessoas negras estão nesses espaços, e que, sim, elas estão vivenciando questões profundas e complexas que devem ser pautadas e mostradas. Isso foi mudando ao longo do tempo, mas essa é uma imagem que me marca e que veio comigo quando entrei no Instituto Tomie Ohtake. Agora vem com outro olhar que estou reconstruindo.

Cheguei no Experiências Negras já no “3, 2, 1”, fazendo com o maior prazer do mundo. Ele se mostrou, desde o começo, esse lugar de escurecer para elucidar, mesmo. Sempre foi esse espaço de propor essas experiências negras em suas individualidades, em coletivo, principalmente, abraçando e acolhendo a todo instante. Não só essas discussões, mas essas corpas, e as presentificando nos espaços a partir dessas discussões. Mostrando as possibilidades de se habitar e ocupar esses espaços. Mais do que tensionar linhas – porque a gente fala tanto de tensionamento, também, que não sei se está tensionado ou se está frouxo –, acho que ele valida essa existência de uma maneira muito rica e genuína, que

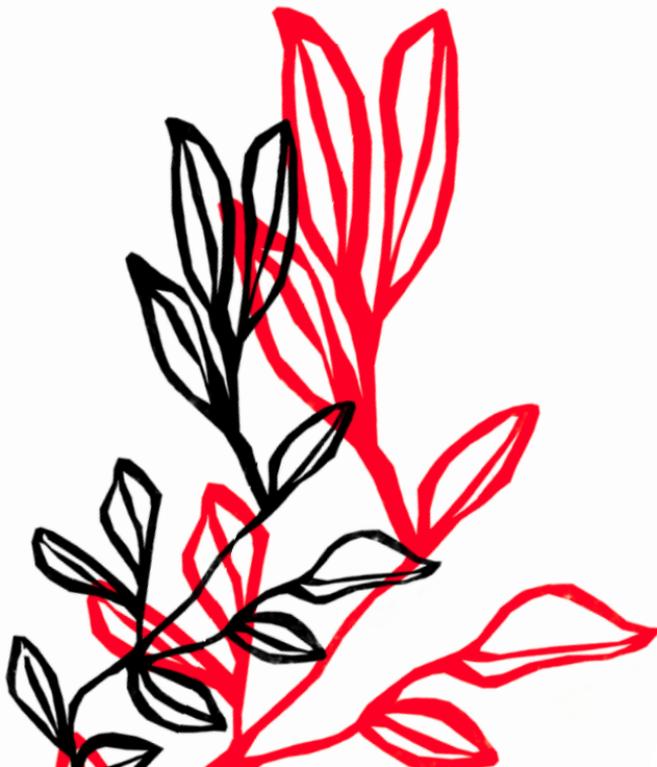
**Kaya
Fernanda
Vallim**

é através desse reconhecimento do outro quando ele vai para esses espaços, quando ele se vê nas artes também. Quando ele vê outros artistas, outras pessoas expõem e se enxerga ali, entende o quanto ainda é, sim, possível, apesar de tudo. E sabemos que quando a gente enxerga possibilidades, o mundo é outra coisa; quando temos essa esperança, seja ela mínima, mesmo aquela pontinha, é o que nos dá força para continuar, todos os dias. Então, pra mim, Experiências Negras é esse corpo vivo que vai conectando e se conectando a tudo e a todas(os), e também se desenvolvendo em conjunto.

Andrea Lalli

Eu vou falar também como uma pessoa que conheceu o projeto antes de estar dentro dele. Foi em 2019, período em que atuava em outro educativo. Trabalho nessa área há oito anos e nunca tinha visto um projeto de educativo que transbordasse de dentro de um instituto ou de um museu para fora, para outras instituições culturais. Lembro que na época chamou muito minha atenção tanto por, enquanto pessoa negra, me identificar com as questões que estavam sendo evocadas, mas também pela questão de como a gente pensa um projeto autoral e de pesquisa em educativos, e como esses projetos podem tecer diálogos com outros educativos. Existe um grande sucateamento da mediação cultural, que faz com que às vezes pesquisas a longo prazo não sejam desenvolvidas. Muitas vezes a gente não tem espaço para desenvolver isso. Apesar de termos muita coisa a dizer, frequentemente o contexto de trabalhos temporários, que caracteriza a maioria dos trajetos desses profissionais, cria essa dificuldade no desenvolvimento de pesquisas a longo prazo. Assim, ver um

projeto tão consolidado – lembro que em 2019 uma colega que trabalhava comigo havia sido convidada pra participar das falas, das entrevistas, então a gente pôde acompanhar isso com ela também – reverberou no sentido de repensarmos o que queríamos criar naquele espaço em que estávamos. Vimos que também podíamos pensar em uma pesquisa nossa, mais longa. Pra mim, me motiva no sentido de podermos sonhar mais, fazer mais e criar outros diálogos. Então ainda estou muito recente nessa perspectiva de dentro do Experiências Negras, mas fico muito feliz e honrada, porque de certa forma me motivou a pensar pesquisa em projetos educativos e no entendimento de que, quando trabalhamos com mediação cultural, também somos pesquisadores, temos essa autonomia e bagagem de criação.



COMO A SEXTA EDIÇÃO DO EXPERIÊNCIAS NEGRAS PROPÕE NOVOS CAMINHOS PARA O CAMPO DA ARTE-EDUCAÇÃO? POR QUE AS CASAS DE ACOLHIDA FORAM ESCOLHIDAS PARA ESTA EDIÇÃO?

Jordana Braz

Olha, é como a gente conversou aqui nesses quatro anos do projeto, como disse Divina, é um projeto vivo. Ele vai passando por transformações e eu considero que a educação também tem esse lugar dialógico. Não tem como sair ileso de uma visita

pensando na questão da mediação, né? Às vezes temos um roteiro pronto e quando a gente tá com um grupo percebe que nem sempre funciona. Não é como a gente esperava. O Experiências Negras, nessa sexta edição, está trazendo muito essa realidade, porque surgiu de uma conversa, essa temática. Foi no final de 2021, em uma conversa com Luara Carvalho e Isadora Mellado, sobre pensar o que seria o Experiências Negras em 2022. Acho que a Isadora estava lendo algumas coisas sobre economia do cuidado e falou: “Vamos pensar sobre isso para o Experiências Negras de 2022?”. Aí veio a exposição da Anna Maria Maiolino, onde a maioria das obras trazia muito um viés autobiográfico, desse lugar também do que é ser uma mulher, artista, imigrante e mãe, e a gente pensando nessa conversa sobre a economia do cuidado, no projeto, na exposição da Maiolino, veio essa possibilidade de como seriam essas realidades, nesses recortes, enquanto mulher, imigrante, para além desse diálogo com a arte. Como que a gente pode tentar entender essas outras realidades, que ao mesmo tempo dialoguem com o que Anna Maria Maiolino trouxe na exposição, na sua produção, e pensando, também, a própria história da arte, da Tomie Ohtake, também enquanto artista imigrante, e pensamos na Carolina Maria de Jesus e no quanto essas mulheres têm de proximidade e tudo o que as distancia, também. E aí, levando esse projeto para as casas de acolhida – e também tem esse lugar sobre a casa de acolhida Maria Maria, que já era parceira do Instituto de outros projetos que aconteceram aqui –, tem uma grande comunidade de imigrantes na região do Canindé, onde a casa está localizada.

Pensamos nessa questão de já conhecer as psicólogas, enfim, as coordenadoras do local, então por isso também optamos por fazer em uma casa de acolhida, porque já tinha esse diálogo.

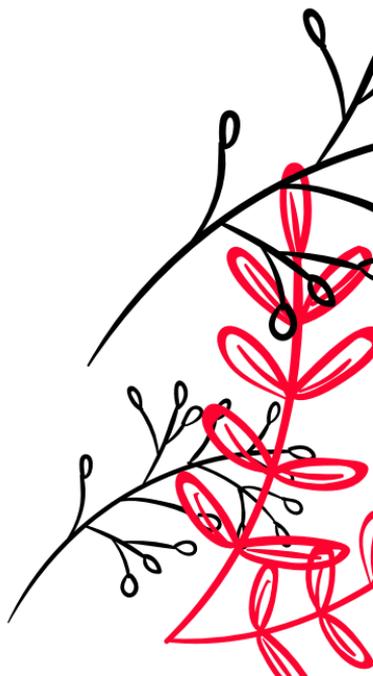
Mas como desenvolver esse projeto com elas? Acho que tem esse lugar do que pode contribuir para a arte-educação e de pensar, primeiro, que é possível falar sobre arte em alguns espaços sem ser dentro de um museu, de um centro cultural, que a arte está aqui, mas ela também pode estabelecer contato e diálogos com a realidade, nas ruas, enfim, para além da instituição. E acho que também há uma questão que ela pode, inclusive, ir para a arte-educação, aí já não é uma visão minha, particular, é da gente tirar essa ideia de que tudo é cristalizado e que, por exemplo, no momento que vamos pensar algo, vai acontecer 100% como planejamos. Nem sempre é assim. Tudo bem que pensamos em uma visita dentro da instituição e ela pode não ser como a gente planejou, mas fora da instituição não temos controle, mesmo, porque há outras urgências: muitas vezes as pessoas precisam comer, muitas vezes as pessoas precisam de emprego, e aí, às vezes falamos na fruição de uma arte, vinculada à arte-educação. É importante? É! Mas temos que entender que para isso acontecer tem outras coisas que são básicas e que não é todo mundo que vai conseguir, não é todo mundo que vai estar aberto para essa experiência. Então, acho que (algo que fiquei refletindo aqui) se fosse uma casa de acolhida com a qual não tivéssemos uma parceria prévia, com outra instituição, seria mais difícil de realizar as atividades. O fato de já conhecermos as psicólogas proporcionou a possibilidade de criar um espaço de troca da nossa parte, como

equipe, com as participantes, e que se fosse em outra casa de acolhida acho que a gente não ia conseguir, porque também depende de várias instâncias. Essa sexta edição ensinou e ensina muita coisa para nós enquanto equipe, enquanto educadores, que é isso: vamos falar sobre arte, vamos dialogar a arte com a realidade, mas quando ela realmente acontece você não tem controle.

É um pouco isso. Não sei se eu falei, mas é um pouco das minhas impressões e quero ouvir de vocês também.

Queria falar rapidamente sobre uma reflexão desses novos caminhos para o campo da arte-educação. Acho que o projeto Experiências Negras, desde o início, o que se intensificou desde a sexta edição, reforça o lugar da pessoa educadora como pessoa pesquisadora, propositora, criadora de situações, que está percebendo que é um corpo no mundo, que sente o mundo e cria essas conexões. O que a gente vê, normalmente, é o enclausuramento do educador a uma proposta que é uma curadoria da instituição. Esse educador é enclausurado em um determinado conjunto de atividades, onde tem, às vezes, um espaço para propor, criar, fazer, mas o trabalho fica restrito ali. O Experiências Negras mostra com a prática a potência de um trabalho que permite à pessoa educadora criar, propor situações para fora da instituição, para fora do recorte curatorial, juntando Tomie Ohtake, Anna Maria Maiolino e Carolina Maria de Jesus. E essa junção é um jeito de costurar esses territórios para que essas experiências possam se desenvolver ali dentro.

Divina Prado



**Guilherme
Lima
Fernandes**

Eu acho que é isso! Eu me conecto muito com as falas de vocês e sobre essa questão que umas das oficinairas trouxe, e que é muito importante, que é a desinstitucionalização. É isso que fico pensando: “Quais as reverberações disso?”. Da saída da instituição, pensar que às vezes o trabalho no espaço expositivo, que tanto é vinculado ao arte-educador, pelo menos a uma vertente do arte-educador, é uma zona de conforto para todos nós, assim eu imagino, né? A gente tem um espaço com uma obra de arte ou algum tipo de trabalho, objeto artístico, e a gente vai lá e propõe mediações, atividades. Acho que quando a gente sai para outros espaços, é justamente isso, nos coloca em uma zona de pensar a todo momento. O que é a arte-educação? Como podemos repensá-la em locais não hegemônicos? Então, a sexta edição do Experiências Negras propõe novos caminhos a partir do momento que vê que outros tipos de vidas/histórias são extremamente importantes para estarem dentro desse campo do saber da arte-educação. Quando a gente pensa pessoas imigrantes, pessoas negras que estão em situação de vulnerabilidade, mulheres que passam por situações de violência, e como a gente pode se apropriar das ferramentas da arte-educação e estabelecer uma relação, afetiva também, e propor essas práticas artístico-pedagógicas, que é o nosso objetivo com essas pessoas.

Então é extremamente importante, eu foco nessa desinstitucionalização como um dos novos caminhos da arte-educação a se pensar. Podemos estar em um quilombo, em um terreiro, em uma comunidade indígena, e a arte-educação está lá. Independentemente de ela ser nomeada ou não, a gente cria esses diálogos.

Acho que isso é muito interessante. Então, respondendo sobre a importância das casas de acolhida, é justamente isso, é esse lugar... é importante já ter uma relação previamente construída, que de alguma forma também já cria alguns diálogos mais saudáveis entre as pessoas e a casa de acolhida. Para mim, foi uma primeira experiência e foi muito importante conhecer um pouco das histórias daquelas mulheres, que passaram por situações de violência – e como a gente pode trazer essas outras mulheres inspiradoras dentro da arte para elas? Sendo a Carolina Maria de Jesus um ponto importante, porque suas obras já estão presentes naquela casa. A Carolina Maria de Jesus viveu na região do Canindé, isso é super potente, né? Transbordou justamente tudo isso que a gente imagina que é a arte-educação – quando vemos uma autora negra que fala sobre si e sobre uma comunidade – dentro da casa Maria Maria, onde vivem, em sua maioria, mulheres negras, travestis e outras mulheridades. Então é isso, essa potência da arte-educação de estar em outros espaços e a gente sair um pouco dessa zona de conforto, de um espaço expositivo tradicional, né?

O que eu venho dizer vem muito ao encontro de tudo que vocês trouxeram, né? Como essa edição propõe novos caminhos, e acho que é justamente através disso, deste não enclausuramento das ideias e das pesquisas, mas talvez na criação de uma metodologia não metodológica que coloque em *cruzo* todos esses saberes e conhecimentos, todas essas pessoas e essas resistências, e possibilite daí, justamente, que as experiências se multipliquem, ganhem forma e também necessidades, que também peçam, falem por

**Kaya
Fernanda
Vallim**

si, que consomam também em outros espaços e que se multipliquem cada vez mais. É através do empoderamento, como a gente teve a chance de viver na casa de acolhida, das indivíduos que, em determinados momentos, inclusive, nem falavam nada, e depois terminam nos dando relatos tão incríveis, do quanto foi potencializador e do quanto existe esse resgate para elas.

Enfim, acho que é isso, essa permissividade dessa flexibilidade constante, de entender que realmente a gente não vai conseguir resolver, mas talvez, cruzando com todos esses conhecimentos e saberes, a gente vislumbra novas maneiras e novas metodologias, inclusive, do fazer, também. E por que as casas de acolhida? Por que não, também? Por que é que a gente, às vezes, se encontra nesse lugar de justificar os fazeres? Eu entendo que existem especificidades, mas por que não? Por que o Experiências Negras não estaria dentro de uma casa de acolhida? Faz todo o sentido também! É nesses espaços que temos que estar, e temos que, inclusive, trazer essas mulheres para o Instituto, levar para os equipamentos culturais, levar para a cidade como um todo, para mostrar que isso aqui é nosso. É uma fala diária que tenho como educadora e que faço questão de dizer, principalmente para as crianças mais novinhas, mas também para todas em geral: os espaços são nossos, então vamos, sim, ocupar, vamos estar presentes, porque eles, sobretudo, também são para nós. E essa é uma forma de fazer política mesmo sem poder votar.

Andrea Lalli

Do que eu pude acompanhar nessa sexta edição, tem uma coisa que acho que nos tira muito da zona de conforto ou da zona que a gente já conhece, né? No trabalho com arte-

educação em que normalmente recebemos os grupos, ficamos “esperando” esses grupos virem. Fica quase em uma posição meio passiva de ter que lidar com aquele grupo que vai chegar. Depois de recebermos esses grupos, não vemos mais aquelas pessoas, a gente não sabe como isso reverberou nelas. O que temos acesso é sobre o contato das duas horas que ficamos com eles. Acredito que quando a gente tem um projeto como esse da sexta edição do Experiências Negras, que se propõe a sair do Instituto e ter um projeto que demanda mais de um encontro com essas pessoas, isso já é algo novo, já é algo que sai de um formato mais conhecido do nosso trabalho e permite a gente estar com um grupo mais de uma vez e, assim, poder pensar outros desdobramentos.

Enfim, fico pensando sobre isso. Em como muda a gente ir até esse grupo e não só eles virem até nós, e de como ter esse encontro mais uma vez com eles, mais duas vezes, faz com que a gente já crie um outro vínculo, é o que permite uma relação, que já é nova assim.

COMO LIDAR COM AS QUESTÕES QUE FIZERAM/ FAZEM O PROJETO ACONTECER?

Eu acho que essa pergunta tem a ver com as duas outras perguntas que a gente estava conversando aqui. Porque é isso, falar sobre arte-educação tem esses imprevistos, quando a gente pensa uma visita a uma exposição, é... enfim, a gente faz o roteiro e pensa: “ah, talvez vou mudar tal coisa”. É como a Lalli falou, é pontual. Você tem duas horas com aquele grupo, talvez você faça a visita com outros grupos da mesma escola, mas é muito difícil de você ter essa continuidade.

No momento que você encontra o mesmo grupo – como foi no caso do Experiências Negras – durante uma semana; três, quatro vezes; como foi o caso de julho, terça, quarta, quinta e sexta. Aí em agosto foi a mesma coisa – e muitas pessoas que participaram das oficinas de julho também participaram das oficinas de agosto. A gente começa a criar uma relação mesmo, né? Elas sabem os nossos nomes, elas perceberam se mudamos de humor de um dia para o outro, perceberam se cortamos o cabelo de um dia para o outro. Rola um vínculo, assim, uma ligação. E, é aquela questão, se tornam mais próximas. Então a gente sabe o nome das pessoas, escuta um pouco sobre elas. E questões vão aparecendo... com esse recorte de pessoas que são atendidas em casas de acolhida, a gente vê que é uma realidade muito difícil, são tantas histórias de violências, de abandono. Aí você fica nesse lugar de quando você escuta uma história... Aí é inevitável a gente se colocar como pessoa, em primeiro lugar, do que como educador. Vem primeiro essa iniciativa sobre... “nossa, ela passou por isso, poderia ser eu, né?” – nesse lugar também, “como eu faço pra ajudar?” Então é assim... são questões que apareceram muito nessa edição do Experiências Negras e é por isso

que reverberam tanto ainda. Vai fazer três meses que começamos as oficinas e ainda reverberam... o que que tá acontecendo?

A gente pensa que tem umas pessoas que estavam na casa de acolhida, que tivemos um retorno sabendo que elas não estão mais lá. “Onde será que elas estão? Será que elas estão bem?” – é um tipo de preocupação, de atenção, que em uma visita com um grupo por duas horas você não tem, enfim... é uma questão que a gente não consegue resolver, não tem como resolver. Essa edição do Experiências Negras acabou abrangendo outras questões, outras demandas para além da fruição, para além de uma experiência em uma oficina de dança, de uma oficina de escrita, de desenho. Acho que ela coloca nosso lugar de educador em um lugar muito mais atento, mas que é um lado para além de humano, sabe... no sentido da gente entender que as pessoas têm que ter direitos – mas é uma coisa de proximidade, entende? “Poxa, o que será que aconteceu com aquela pessoa? A gente conversou, soube que aconteceu isso com ela, será que ela tá bem?” Essa edição moveu muitos lugares “do que é o ser educador ”... Aí acho que isso são questões que a gente não resolve nunca, sei lá... Essa publicação vai dar um panorama de como foi a sexta edição. Mas só quem viu sabe como foi, realmente. Sabe que foi algo transformador... foi para a vida, mesmo.

Como lidar com as questões é uma pergunta que está colocada, mas no fundo, ou na superfície, a gente sabe que não existe resposta possível. É uma pergunta que ativa desejos, lembranças, memórias... talvez até novos projetos. Eu fiquei pensando, a partir da fala da Jordana, que é muito interessante essa

Divina Prado

ideia de espiral que acontece dentro da história do projeto Experiências Negras. Ele começa refletindo sobre o corpo negro na prática educativa (dentro das instituições) e agora, na sexta edição, ainda que o assunto principal fosse a economia do cuidado e outras questões relacionadas, esse corpo dentro da prática educativa volta a ter sua centralidade. O corpo não somente está lá, executando um trabalho via instituição, com uma proposta, um objetivo, mas ele sente, e a partir do momento que existe um encontro, existe uma transformação. Saímos do processo levando muitas coisas com a gente. E só conseguimos levar porque esvaziamos um pouco, deixando algumas coisas lá. Acho que é isso... a maneira de lidar é entendendo que o nosso corpo sente. Como todos os corpos.

**Guilherme
Lima
Fernandes**

Compartilho da mesma dificuldade de responder a essa pergunta. Talvez esse “como” restrinja múltiplas possibilidades de respostas. E fazendo uma retrospectiva de tudo, de todas as memórias que tive, das afetações e atravessamentos dessa segunda parte da sexta edição, eu posso dizer um pouco que... acho que novamente é o que a Lalli falou, sobre essa “continuidade”, ela rompe com todas as barreiras tradicionais que a gente vive no nosso trabalho, essa efemeridade nas relações. A gente trabalha com tantas pessoas, tantos grupos, tantas crianças e tantas escolas, que nossa memória vai se esvaziando. Às vezes fica alguma memória, mas não é uma imagem: muitas imagens ficaram na minha cabeça e muitos sinais ficaram no meu corpo, eu acho que tanto das falas, dos olhares, dos abraços. Tudo isso nos coloca em uma situação de não controle de nada, e isso é bom, isso é extremamente bom. Porque a partir disso

conseguimos construir algo novo, uma outra relação: pessoal, interpessoal, uma outra relação profissional de arte-educadores e arte-educadoras que estão naquele espaço.

Então, para lidar com essas questões, penso que temos que acolher e estar de alguma forma... emaranhados com essas vidas, com essas histórias. Assim, vamos compartilhando esses momentos, de forma profissional, mas, principalmente, de forma pessoal. E entender que aquelas violências, no meu caso, às vezes me atravessaram e em outras não – por serem realidades extremamente diferentes. Mas pensando que grande parte eram pessoas negras, é novamente um lugar que a gente olha e se identifica, se deixa atravessar de várias formas. Por vezes eu não soube lidar com tais atravessamentos – e é importante reconhecer isso, de “não saber lidar” com esses momentos de crise – que vão nos fazer pensar/articular novos caminhos/práticas para a arte e a educação.

Compartilho disso também, é muito difícil... da mesma maneira que não tem como responder, tem muitas formas como responder. Enfim, eu acho que lidamos com as questões que fazem o projeto acontecer e que surgem durante o projeto cotidianamente... Nas microbolhas que a gente vive e nas macrobolhas que a gente permeia, tentando circular informação, conhecimento. Tentando circular, também, as frustrações, compartilhar esse todo que a gente se permite ser nesse momento. Pra tentar dar conta de tudo, sabendo que a gente não vai dar conta de tudo. Mas a gente se atreve a dar conta de tudo, mesmo, e vai expandindo... a diversidade também que vai gerando nossos crescimentos. É o “não

**Kaya
Fernanda
Vallim**



conseguir”, o “estar em crise” que vai nos trazendo essas novas possibilidades de leitura. Acho que assim, além de não ter forma, não dá pra fazer sozinha.

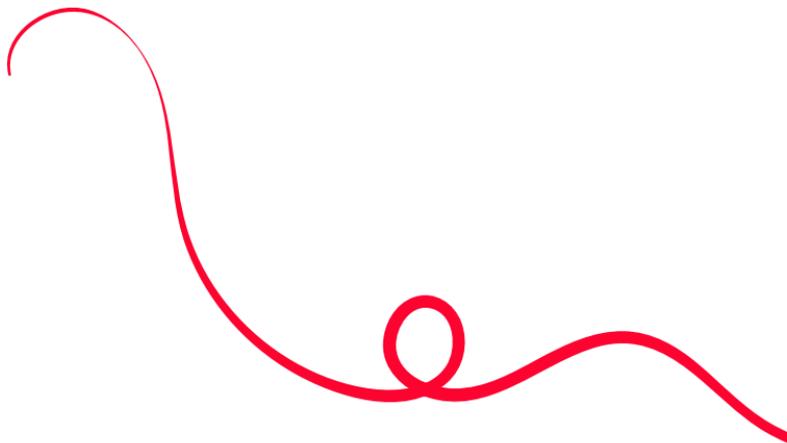
Então, entendo que lidar com essas questões tem que ser em coletivo, desde quando vamos falar desses corpos que estão aqui propondo este projeto, aos corpos que nos propomos conviver durante esse período. As corpos das convidadas e a esses convites, a esses convívios. E a continuidade que a gente busca – acho que ela é justamente isso – é em coletivo. Ela tem que existir, inclusive, para além de nós. Que esse desejo de mudança prevaleça no todo. No que a gente busca reverberar, então é isso... Também não sei como lidar com todas elas, mas que sozinha não consigo, tem que ser juntas.

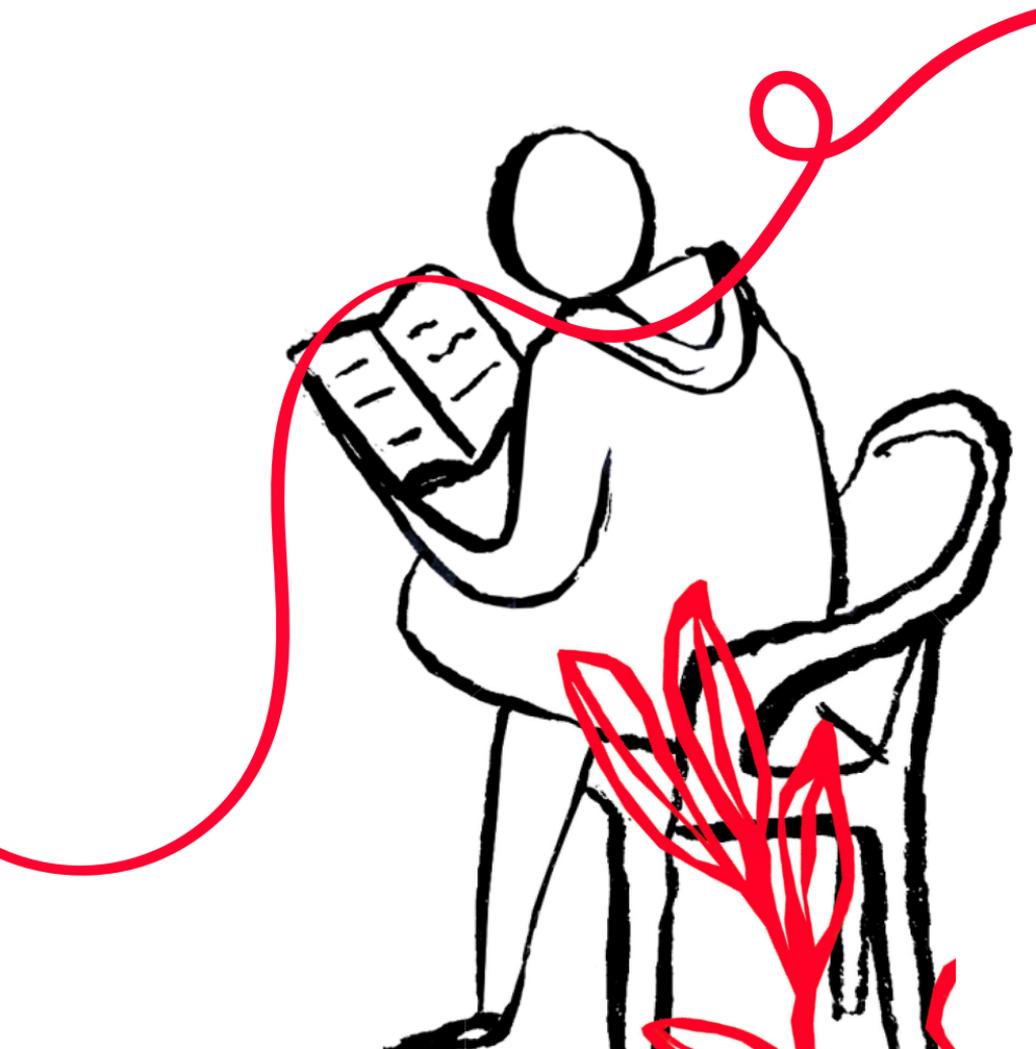
Andrea Lalli

A partir do que vocês trouxeram, penso que, de certa forma, já estamos lidando né... porque só o fato de termos esses momentos de conversar sobre o que aconteceu, de conversar sobre casos específicos, pessoas que nos marcaram, já estamos no processo de revisitação das experiências. Quando pensamos: “Será que acolhemos? Que não acolhemos? O que aconteceu ali?” Ao conversar sobre, com as demais pessoas convidadas a atuar no projeto, podemos olhar para o nosso trabalho com criticidade e reconhecer ações que foram positivas e outras que podem ser olhadas com mais cuidado.

No meu caso, não participei dos encontros porque eu cheguei na equipe do educativo do Instituto Tomie Ohtake a partir de setembro. Mas, ao estar presente nas discussões que vocês trouxeram sobre os encontros que tiveram, foi uma forma de eu poder pensar junto e essas experiências

poderem reverberar em mim. Mesmo que eu não tenha vivido isso, eu penso junto. Esse processo de conversar sobre nossas impressões, e de outras pessoas que estavam ali, permite um deslocamento meu também. Então entendo que isso já é um processo de lida, quando entendemos que esses encontros não são só sobre a “ação da oficina”, no sentido de: “fui até ali, apliquei a oficina, apliquei a atividade e acabou” – não, isso é contínuo. Dessa forma, acredito que uma das maneiras de “como lidar” é esse exercício de trocas coletivas, entre nossa equipe e as convidadas sobre as ações, e como isso vai reverberar em outras práticas nossas, como educadores, permitindo com que, novamente, possamos olhar para o nosso trabalho como uma pesquisa a longo prazo.



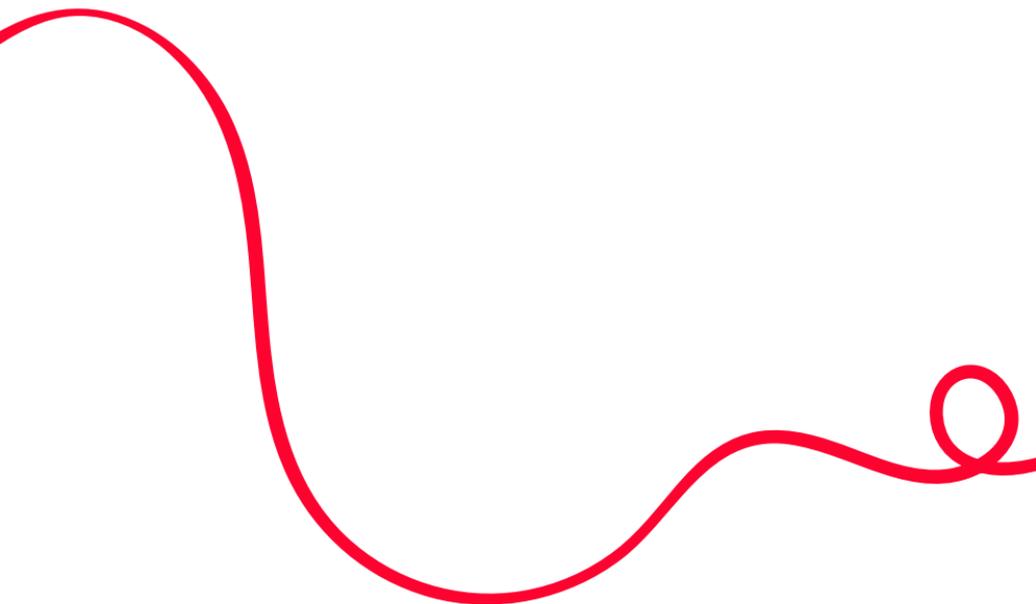


CONVITE

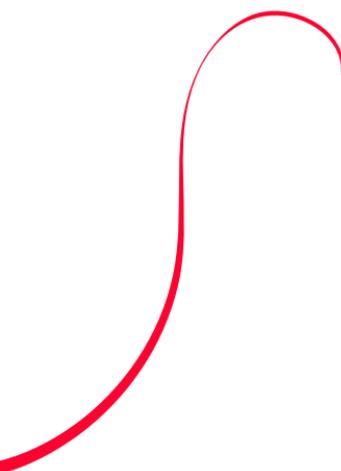




CLIQUE
E OUÇA



**DANÇA(S)
EM PROSA:
DE QUANTAS
MOVÊNCIAS UM
CORPO SE FAZ?**



Esta escrita parte da conversa de duas artistas negras e educadoras, Janette Santiago e Paula Salles, inspiradas pela escritora bell hooks,¹ que usa o formato de entrevista no livro *Ensinando a Transgredir: educação como prática da liberdade* (2013) para relatar sua atuação pedagógica em sala de aula. Cada uma conduziu uma vivência de dança para mulheres da Casa de Apoio Maria Maria, localizada na cidade de São Paulo, e o resultado foi bastante interessante, tornando-se ainda mais relevante por causa das experiências diferentes de negritude e de atuação na dança. Como o diálogo entre as duas foi constante desde que aceitaram realizar essa parceria, optou-se por realizar uma devolutiva da mesma maneira. As perguntas foram elaboradas e escolhidas a partir do que cada uma gostaria de falar, por isso não necessariamente foram respondidas pelas duas.

Muito mais reflexivo do que conclusivo, este é um texto aberto, que com certeza não se encerra nestas páginas. A ideia foi justamente pensar na rede de conhecimento, protagonismo e nos modos de atuação que essas educadoras têm enquanto proposta artística e pedagógica, e que contribuem para acessar e pensar outras formas de perceber e se relacionar com o mundo por meio da dança.

¹ Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks, foi uma autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense. hooks publicou mais de trinta livros e numerosos artigos acadêmicos, apareceu em vários filmes e documentários e participou de várias palestras públicas. (informações retiradas de: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bell_hooks)

QUANDO VOCÊ FOI CONVIDADA PARA PARTICIPAR DESTA EDIÇÃO DO EXPERIÊNCIAS NEGRAS, QUAIS FORAM SUAS EXPECTATIVAS?

**Janette
Santiago**

Quando sou convidada para conduzir uma vivência de dança para pessoas que não são profissionais da área ou estudantes, me sinto agraciada, porque me certifico cada vez mais de que o meu trabalho também é compreendido para ocupar outros lugares e pode adentrar outros territórios. Espaços que me contemplam e que ao mesmo tempo me tiram da zona de conforto. Me oportunizam a olhar cada vez mais para dentro de mim e me levam a refletir constantemente sobre as potencialidades do corpo. A sexta edição do projeto Experiências Negras faz referência às produções artísticas e biografias das artistas

e escritoras Anna Maria Maiolino, Carolina Maria de Jesus e Tomie Ohtake. Entrar em contato com as obras dessas mulheres me proporcionou caminhos possíveis para compor a estrutura da vivência. Como o convite foi para conduzir uma oficina de dança para mulheres em situação de vulnerabilidade, eu tinha a preocupação de criar um ambiente acolhedor, principalmente porque a vivência aconteceu no Instituto Tomie Ohtake e não na casa de acolhida. Para mim, a experiência corporal só começaria a acontecer a partir do momento que eu percebesse que as pessoas ali presentes estavam se sentindo em um ambiente seguro.

Eu tenho exercitado ser mais generosa comigo nos processos, mas aquela sensação de que poderia ter sido melhor ainda fica no final. Deste encontro em especial saio com uma resposta muito positiva do que experienciamos, porque minha proposta não era ter um resultado final, mas proporcionar momentos de alegria através do movimento, do toque, da troca e de todos os estímulos que conseguimos acessar naquele único encontro. Fomos embaladas pelos nossos corpos e construímos boas memórias.

Bom, eu não esperava por esse convite. Eu não conhecia o projeto, mas fiquei muito animada com o convite, principalmente pela oportunidade de trabalhar dança com enfoque para mulheres e, mais ainda, para mulheres negras. Ao mesmo tempo que fiquei feliz, também fiquei apreensiva em saber que essa dança seria para mulheres de uma casa de acolhida, porque imaginei que, talvez, encontrasse ali histórias doloridas, difíceis, e é no corpo que as nossas histórias ficam grafadas, principalmente as feridas, que

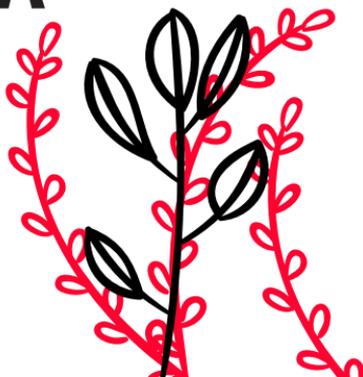
Paula Salles

inscrevem silêncios nos nossos gestos.

Daí a preocupação em propor uma dança que pudesse gerar, ao mesmo tempo, possibilidades de descobrir outros movimentos do corpo, da sua exploração no espaço e, também, desse a sensação de segurança, de deixar que cada uma ficasse livre para ir até onde tivesse vontade, nos próprios limites, sem imposições de movimentos certos ou errados.

Optei por trabalhar improvisação enfatizando as partes do corpo. Porém, como a proposta do projeto era também relacionar as nossas experiências com as histórias, como as de Carolina Maria de Jesus, sugeri que, além de dançarmos com as articulações, pudéssemos dançar com as nossas vozes, contando as próprias histórias, reais ou não, inspiradas no trabalho que venho desenvolvendo junto com a Ouvindo Passos Cia de Dança.

QUE DANÇA VOCÊ FAZ? COMO ELA CONTRIBUI PARA PENSAR SOBRE EXPERIÊNCIAS NEGRAS?



Paula Salles

Eu faço dança contemporânea, algo que não é muito fácil de explicar escrevendo aqui. De modo resumido, é uma dança que não tem uma forma definida, não tem códigos específicos de movimentos e cada pessoa, dançarina/dançarino, pode inventar a sua maneira, pode partir de onde quiser. No meu caso, além das danças modernas, que aprendi nas escolas de danças que cursei, as danças negras populares também me influenciam bastante e só elas já revelam muito das minhas “experiências negras”. Mas, além disso, como comentei acima, há oito anos trabalho em uma companhia de mulheres negras, chamada Ouvindo Passos Cia de Dança, e nosso trabalho é investigar as gestualidades negras oriundas das oralidades. Assim, acreditei que fazer algo que envolvesse a contação de história e a dança seria uma boa contribuição para pensar sobre as experiências negras.

Toda a minha experiência com a dança se deu através de estudos práticos com mestres e professores que se baseiam na investigação das danças de matriz negra. O meu trabalho tem percorrido espaços de formação, companhias de teatro, dança e atuação artística. Esses lugares têm me permitido ampliar cada vez mais meu olhar e estudo sobre as potencialidades do corpo, a partir da referência da dança negra. A minha dança é experimental, experiencial, investigativa e também vem dialogando com propostas que não estão diretamente ligadas ao campo artístico. Ela está se alastrando por solos férteis.

**Janette
Santiago**

**PARTINDO DA
VIVÊNCIA COM A
CASA DE ACOLHIDA,
DE QUANTAS
MOVÊNCIAS
FALAMOS QUANDO
OPORTUNIZAMOS
ESSAS PESSOAS A
TEREM O CONTATO
CONSIGO MESMAS
ATRAVÉS DO
PRÓPRIO CORPO?**

**Janette
Santiago**

Toda vez que ministro uma vivência corporal saio com a sensação de que todas as pessoas precisavam passar por uma experiência corpórea pelo menos uma vez na vida, porque a ação de mover e dançar acessa lugares imperceptíveis e atravessa camadas que não podemos enxergar, muito menos tocar, mas com certeza podemos sentir. Propiciar um encontro é, muitas vezes, um reencontro com o próprio corpo e com a possibilidade de se permitir vivenciar isso. Todas as pessoas que estavam ali se permitiram, estavam abertas para algo novo, e eu presenciei muitas movências no dia da vivência. Ela se traduziu através de sorrisos e lágrimas, da palavra falada e escrita, do traço do desenho e das cores que revelaram todas as emoções e sensações que o movimento causou, transformou e transbordou em cada corpo. Até mesmo a pausa e o silêncio tiveram voz. E quem apenas se permitiu apreciar, também se conectou, contemplou, internamente estava em movimento e, de alguma forma, dançou. O afeto se fez visível aos olhos. A escuta se fez presente no improviso do dançar, ao sermos conduzidas pelas águas, em um imaginário coletivo. A escuta se fez presente quando aquietamos os nossos corpos para ouvir histórias de quem se sentiu à vontade para compartilhar um pouco de si. De quantas movências falamos? Em apenas um dia foram muitas e precisaríamos de mais tempo, de mais, mais e mais.



COMO FOI O SEU ENCONTRO COM ESSAS MULHERES NO INSTITUTO TOMIE OHTAKE E QUAIS PARTILHAS SE TORNARAM POSSÍVEIS?

Paula Salles

Encontrei a mesma casa de acolhida que já havia participado do encontro com você, Janette, e isso foi uma surpresa. A ideia inicial era de que seria outra, mas os planos mudaram. Foi muito enriquecedor e repleto de aprendizados, uma mistura de sensações e sentimentos que até hoje ainda ecoam em mim. Prazer, ansiedade, satisfação, indignação, carinho, raiva, alegria... foram alguns dos sentimentos e sensações que compartilhei com a turma. Encontrei mulheres com diferentes disponibilidades para a partilha, mas todas cheias de porosidade. Algumas dançaram comigo do começo ao fim, do modo

como imaginei, outras participaram assistindo e comentando o que observavam das pessoas que permaneciam experimentando as partes do corpo e a exploração do espaço. Houve, ainda, aquelas que revezaram entre dançar e assistir. Ouvi e vi muitos risos e sorrisos que ora me pareciam satisfação, ora estranhamento e timidez. Tudo isso exigiu de mim outras improvisações, além daquelas que propus, para que pudesse adaptar nossas experiências naquele espaço.

O ponto mais alto, na minha opinião, foram as contações de histórias, e foi também nesse momento que os sentimentos foram os mais atravessados. Foi gratificante ouvir as memórias de cada uma, as aventuras, amizades, conquistas, mas também foi desconcertante me deparar com os relatos de violências que nos dilaceram sempre um pouco mais. Infelizmente, eu já os esperava, mas apesar de acharmos que sim, nunca estamos preparadas para ouvir e lidar com as agressões que nós, mulheres, vivemos constantemente, e isso nos deixa com raiva. A pergunta que se levantou foi: “Dá pra dançar dor?” Pra mim, não só dá como devemos, haja vista a dança da indignação, assim nomeada por Gal Martins,² outra parceira da dança, experiente em poetizar a raiva. Porém, a minha voz e experiência não eram as únicas ali, e daí veio a preocupação de acolher todas as histórias compartilhadas, ao mesmo tempo em que gestávamos uma dança. Foi fundamental a partilha final em que falamos e ouvimos nossas

2 Gal Martins, dançarina, atriz, coreógrafa e gestora cultural, cursou Artes Cênicas na Unesp. Idealizadora da zona AGBARA e fundadora e diretora artística da Cia Sansacroma. Fonte: Dança em Rede. São Paulo Companhia de Dança. Disponível em: <https://spcd.com.br/verbete/gal-martins/>

impressões sobre o encontro. Nesse momento, tive a sensação de que independentemente de como cada uma de nós experimentou a dança naqueles instantes, ela nos moveu muito. Um dos movimentos que ouvi, segundo uma das pessoas presentes, era de que “foi possível experimentar ser livre, tão livre que não se sabe nem o que fazer com tanta liberdade”.

PASSADO ALGUM TEMPO DESSA EXPERIÊNCIA, EXISTE ALGO QUE HOJE VOCÊ GOSTARIA DE DEIXAR PARA ELAS? O QUÊ?

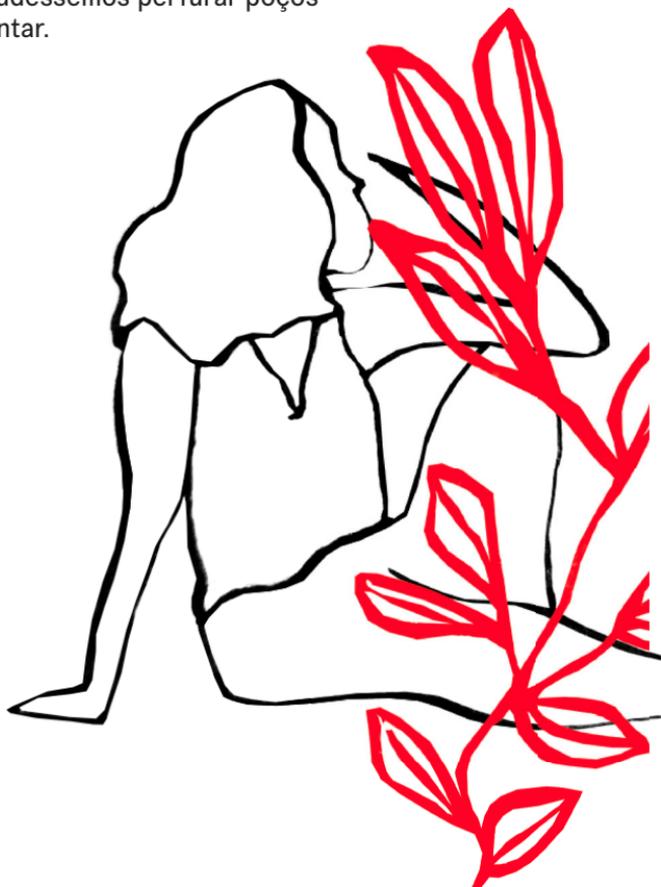
**Janette
Santiago**

Passado algum tempo desse encontro, para mim ficou o desejo do reencontro. Assim como chega essa escrita depois de alguns meses, sinto que teríamos muito o que tecer depois dessa pausa. É preciosa a oportunidade da troca, para que possamos rever os caminhos traçados e projetar caminhos futuros, a partir da experiência

de quem participa, e não apenas de quem conduz. Eu deixo o meu muito obrigada pela oportunidade que elas me deram de partilhar a minha arte e um agradecimento grande por me acolherem e confiarem no meu trabalho.

Gostei muito de encontrar com todas elas e fiquei com gosto de quero mais! Queria poder experimentar outras danças, outros caminhos, descobrir juntas lugares que não visitamos, ouvir e falar histórias que não contamos. Como Carolina Maria de Jesus, queria que as nossas histórias rompessem espaços e pudessem dançar onde tivéssemos vontade de dançar, ainda que seja um lugar árido, mas onde pudéssemos perfurar poços para nos dessedentar.

Paula Salles





CLIQUE
E OUÇA



ENTREVISTA COM NENESURREAL



Eu já tenho uma coisa para falar, posso falar? (risos). O graffiti é escrito com dois “F”, de “ffiti”. Eu venho dessa vertente e a origem do nome é italiana. Então esse *grafite* é o grafite de lápis, não é o *graffiti* que tá dentro do movimento da cultura hip hop, tá bom? Se vocês colocarem no Google, já vem a origem italiana... vai contar toda essa história. É essa vertente que a gente segue aí, enquanto dentro da arte urbana – e tem uma diferença – o graffiti é uma coisa, a arte urbana é outra, às vezes se confunde isso. Por exemplo, às vezes as pessoas falam assim: “ah, você é uma artista urbana”. Não, sou graffiteira apesar de ser uma artista visual. Sou artista visual e faço escultura, pinto a óleo, mas quando vou pra rua, vou pra vertente do graffiti.

ENTÃO VAMOS LÁ, A PRIMEIRA PERGUNTA PARA INICIAR: COMO O GRAFFITI TRANSFORMA?

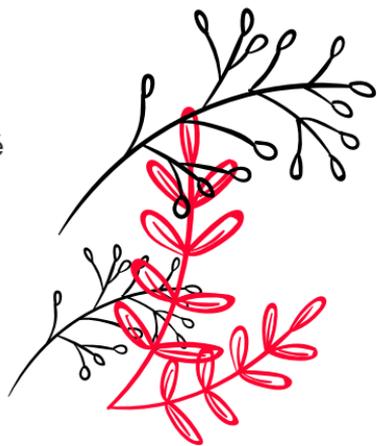
Eu venho de Diadema, que é onde surge a primeira casa do movimento cultura hip hop. Eu venho dessa escola que fala sobre cinco elementos – e que o quinto elemento é muito importante – e as pessoas ficam meio assustadas: “mas como assim não são quatro elementos?” Mas sem o conhecimento a gente não chega, né? A gente fica estagnado. Pra mim, o conhecimento é diário, é como dar bom dia: “bom dia, conhecimento”. Sabe? Eu sempre tô aprendendo algo e pra mim isso não foi nem questão de transformação, veio também de uma criação de vó que me faz olhar a arte – que é essa criação da oralidade, onde ela mostra primeiro o que é pra depois mostrar a ação, o como fazer. A arte não me transformou, pra mim ela é o ar que eu respiro: todo dia eu respiro e o “bom dia” é com arte. A gente já liga uma música, já desperta com a música... Mas, o quê transformar é minha ideologia de vida, mesmo. A arte ajuda na criação da minha filha e também mostro pra ela que a arte é importante para a sobrevivência, principalmente

da população preta. Quando você encontra arte, consegue articular e se movimentar por outros lugares, consegue também mostrar a arte dentro das dores. Pra mim, a arte não é transformadora, mas é minha terapia, é meu ar... mas, também, é para muitas pessoas, mesmo para as pessoas que não estão dentro da arte, porque o ato de mover as mãos é muito importante: quando a criança nasce, ela já tenta tocar as coisas. Como meu coração compassa, eu compasso a arte, também.

**NESSA QUESTÃO DA
ARTE URBANA E DO
GRAFFITI, QUE POR
VEZES NÃO ESTÃO
NECESSARIAMENTE
NO MESMO LUGAR,
MAS PENSANDO
NO GRAFFITI QUE
MAJORITARIAMENTE**

SE FAZ PRESENTE NA RUA, MAS NÃO APENAS. HOJE EM DIA, COMO É A ENTRADA DESSA LINGUAGEM NOS ESPAÇOS DE CASAS DE ACOLHIDA, POR EXEMPLO, COMO FOI NA CASA DE APOIO MARIA MARIA?

Isso também é muito importante. O graffiti só é graffiti quando tá na rua. Quando ele entra em qualquer espaço, ele é uma técnica do graffiti, uma “vertente do graffiti”. Eu vou para a moda, que é um rolê que eu gosto muito também. Sou da geração que, quando tinha festa, não



ia na loja, mas customizava minha roupa; eu pintava, escrevia, e dependendo do lugar que você ia era uma forma de mostrar quem você era. A roupa como identidade de quem eu sou. Eu me entendo pessoa e participante de um espaço quando eu começo a usar minha roupa colorida, quando eu me sinto bem. Pra mim sempre foi falado assim: “Não, você já é preta, né! Você não pode aparecer muito, suas roupas não podem aparecer!!” Então as minhas cartelas de cores de roupa sempre vieram do preto para o marrom. Eu até achava que gostava, mas depois fui entendendo a roupa como identidade, e também como meu movimento de arte de falar quem eu sou, de não querer estar igual a todos(as), de ser uma pessoa ímpar, sim. Enquanto afirmação de espaços e acesso, eu entendo como o graffiti é importante...

Eu fico muito incomodada com as vivências nos cursos de arte que são muito teóricos. Primeiro eles trazem aquela teoria, bombam a gente. “Não, eu não vou conseguir entender, como eu vou conseguir entender, como uma cor tem que combinar com a outra pra ser arte?” Então acho que quando você leva arte de uma forma mais tranquila... Não sempre nesse lugar onde querem colocar algumas artes. Quando falam da arte naïf, eu lembro muito da Raquel Trindade falando: “não, minha arte não é primitiva, não, minha arte é foda, minha arte é o que eu quero dizer, não é primitivo”. Porque não tá dentro dessa técnica imposta, que pra mim é uma técnica colonial. Quando falam que você só pode fazer graffiti se usar uma lata de spray, então você não é graffiteiro se resolver modificar, trazer para a sua realidade? Pra mim, arte é isso que eu trago para a minha realidade. E essa oficina não tem segredos, ela vai acontecer em vários lugares de formas

totalmente diferentes, ela vai atingir de formas diferentes. Então, normalmente, quando eu levo a oficina, sei que aprendo muito mais... O que eu levo é uma técnica do graffiti, eu pego aquela vertente que falava pra mim: "Você não tem roupa? Bora construir sua roupa, bora fazer sua roupa pra você ir na festa, então você vai ser a pessoa na festa!". Apesar de estar dentro de um coletivo, eu vou te identificar: olha, aquela ali é a NeneSurreal, porque só ela usa esse tipo de roupa, porque só ela escreve desse jeito... É sobre identidade.

Mais que uma oficina, mais que levar algo, eu fui buscar algo. Eu falo que não escrevo, porque se escrevesse eu sairia de lá no mínimo com um fanzine, no mínimo com uma poesia... Eu não consigo colocar em palavras o que foi esse momento, e foi só lá... ele só aconteceu lá.

ENTÃO APROVEITO PARA COMPLEMENTAR, FOI SUA PRIMEIRA VEZ NUMA EXPERIÊNCIA EM CASA DE ACOLHIDA?

Não, não, eu estive em outros espaços... Pela forma que faço a arte, a forma que falo, eu acabo estando muito nesses espaços, que para mim são uma zona de conforto. Eu consigo ver e me sentir igual, ali eu não tô no lugar da pessoa que vai ensinar algo, não, a gente divide conhecimento e multiplica. Vocês viram lá, né? A gente divide, e a partir dali se multiplica. É um espaço que eu gosto muito, onde a troca, pra mim, fica muito justa, muito afetuosa, e sai desse lugar de ter que saber algo. Acredito que várias mulheres dali nem vão fazer mais, mas algo ali vai ficar, sabe? E a arte é isso também, ela não precisa de você criar novos artistas ou estar ensinando algo, é muito mais a forma como você troca, a forma como você divide esse conhecimento.

COMO FOI CHEGAR E RETORNAR NA CASA DE ACOLHIDA MARIA MARIA?

A gente costurou coisas. Eu tava lendo as perguntas e aí me vinha a imagem das pessoas. Eu lembro que nesse segundo encontro algumas pessoas não estiveram. Sobre algumas a gente conversou, eu

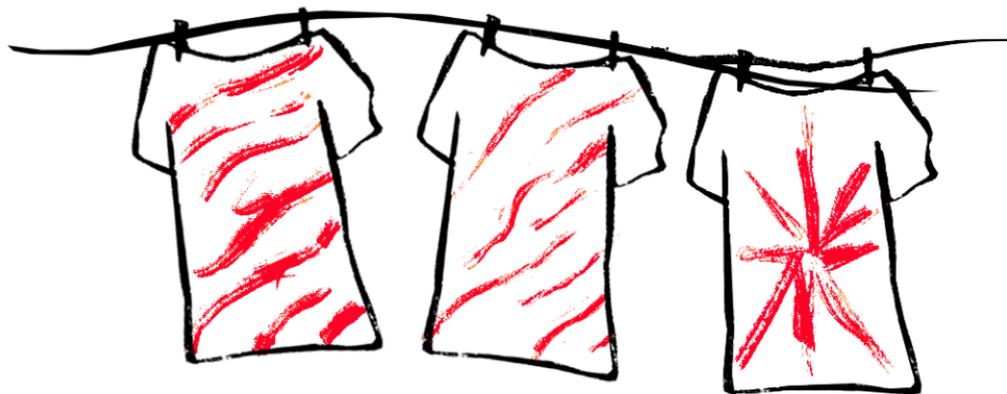
perguntei e a gente conseguiu saber e fico muito feliz; e outras, a gente não conseguiu falar sobre. Acho que esse segundo momento costura coisas, né? Ele forma essa rede.

Algumas vão continuar nesse ponto aí, tecendo em outros lugares, algumas vão se perder, e outras vão dar continuidade. Vão ajudar a gente a continuar tecendo, às vezes errando ponto, aí a gente fala: “ó, desmancha, começa de novo”. Porque, apesar da gente não acreditar em técnica, algumas coisas precisam de simetria, né? Acho que o retorno é isso, é essa nova conexão. Olha só que coisa linda, chegar lá e saber que querem mais. É isso, a gente está tecendo, desatando nós, atando outros nós, para não perder essa conexão. Ficou essa conexão muito linda, desse espaço que – sem romantizar – é muito doloroso. A gente teve pouco tempo ali, mas entende a energia. Mas também entendo que, naquele espaço, algumas pessoas – até as que não estiveram – também foram mexidas nesse movimento.

Ainda acho, sim, que precisamos tomar alguns cuidados sobre como também estamos naquele espaço. Quantas pessoas habitam aquele espaço para uma proposta? A gente mexe, a gente abala as estruturas. Eu tenho uma história muito foda que aconteceu comigo, e nem faz muito tempo, de uma viagem que fui fazer para um lugar, e eu cheguei como: “Querendo pintar tudo!! Não tô nem aí pra vocês!!”. Precisava! Precisava porque eu tinha um embaraço da língua, e como eu ia mostrar quem eu era? Então eu mostrei fazendo tudo. E é muito louco como a gente se conecta, porque eu me conectei justamente com quem tinha que me conectar, com as pessoas racializadas, e elas ficavam assim: “eu entendo porque você quer fazer tudo, não

interessa". E eu passei e até hoje a gente tenta entender isso, o que foi essa minha passagem nesse espaço, porque eu precisava realmente pintar tudo, pra mostrar: "ó, eu estive aqui". E tem espaços que não, que a gente tem que chegar assim, ó... que é só você estar lá, você não precisa fazer nada, você não precisa mostrar nada.

O ser humano é muito louco, a gente tem essa necessidade de mostrar "que eu sei, eu sei, eu sei!". Temos a síndrome dos alunos da sala de aula dessa escola que não nos representa, onde a professora faz aquela pergunta e todo mundo quer levantar a mão, quer responder, e você nem aproveita o momento, você não consegue trazer pra você, pra sua vida. Então acho que acessar esses espaços é isso também, quando a gente volta reverberando várias coisas... porque não temos esse poder de ajudar a todas as pessoas que estavam naquele espaço. E como que eu chego nesse espaço em que não vou poder ajudar? Eu vou complicar? Se eu for numa festa que eu for atrapalhar o rolê, se eu for dançar de um outro jeito, não quero. Então, eu preciso, sim, ser esse indivíduo que vai acrescentar alguma coisinha. É isso, a gente chegar pianinho, chegar bem pianinho.



O QUE VOCÊ DEIXA E LEVA DESSA EXPERIÊNCIA?

Acho que eu deixo essa ânsia da gente fazer mais, para além desse espaço. Eu acho que também é sobre isso, né? Por exemplo, quero voltar a encontrar algumas pessoas lá. Mas foi massa não ter encontrado algumas, porque elas estão por aí... fazendo esse nó, desatando esse nó. Estão em movimento. Então acho que deixa essa sementinha mesmo, de acreditar em nós.. É muito difícil a gente acreditar na gente... Depois de algumas violências, é muito difícil. Eu ainda tô nessa procura também de acreditar em mim, no meu trabalho, na minha arte, nas coisas que eu falo. Eu tô com uma dificuldade muito grande de falar nos espaços, de ver... De achar que tô fazendo coisas que outras pessoas estão fazendo também, que estou sendo uma fraude... Eu estou me refazendo desse rolê louco que a gente ainda está vivendo, de várias coisas, principalmente doenças, que são coisas que nos afetam tanto. Então acho que deixo isso: acreditar nas pessoas, acreditar que a gente pode sim, mesmo com todo mundo falando que a gente não vai. Sabe? Deixar essa força de querer continuar – não nesse lugar de guerreira, porque a gente não é, não temos que carregar fardo nenhum –, mas é muito triste a gente chegar num espaço e fazer uma leitura de

que a maioria das mulheres, das pessoas que estavam ali, eram pessoas pretas. E isso é muito doloroso.

Entendo que quando a minha imagem é colocada ali e mostra que eu sou artista... eu entendo o poder disso, o quanto é importante. E aí eu procuro sempre chegar muito, muito desarmada, de tudo – de conhecimento, de impor... Uma vez eu fui fazer uma oficina e acabei não dando a oficina, porque a gente ficou trocando ideia. E a pessoa achou que eu “não dei a oficina”, porque não tirei nenhum material de arte: a oficina foi a troca que se fazia necessária. Pela minha apresentação, as pessoas quiseram trocar ideia ao invés de fazer a oficina. Eu cheguei lá pra dar oficina, mas não dei porque achei mais importante a gente trocar ideia. Então eu deixo a gente saber que a gente é importante, sim. Não interessa, a gente é importante.

Teve algumas coisas muito delicadas – não sei se vocês perceberam –, precisou ter um jogo de cintura ali. Precisou entender, parar, ouvir a pessoa pra não virar uma outra coisa. E às vezes é isso também. “Ah, porque eu tenho uma hora de aula e não ensinei nada”. Mas se você parou pra ouvir o que a pessoa estava querendo dizer pra você... Eu tive um professor muito maravilhoso, meu primeiro professor de artes, na quinta série, era apaixonada por ele: professor Roberto. As aulas dele eram sempre incríveis, tivemos aulas de ficar olhando pra árvore, assim, ficar encontrando cores na árvore, e era muito louco, porque tinha a ver com as coisas que minha vó falava pra mim. Quinta série. Em um tempo que a gente estava no meio da ditadura, no meio de vários processos, dentro de uma periferia, você olhar e ver um professor preto falando pra você ver as cores da árvore... A

aula dele é isso? É, a aula dele é isso e foi foda pra mim. Foi foda. Até hoje, não consigo esquecer o nome desse professor, ele foi muito incrível. É sobre isso, às vezes a gente precisa parar no meio da oficina. “Olha, não ensinou tudo”, – é isso. A gente não controla tudo, precisamos sair desse lugar de achar que a gente controla tudo.

Eu levo muita coisa, muito aprendizado daquelas mulheres. Daquela mulher incrível que falou “eu vou com vocês no Uber, você sabe disso, Kaya”. Eu levo isso, levo nessa viagem quando encontro pessoas racializadas e elas me pedem *bença* e enaltecem a minha importância também de estar ali, que falam pra mim: “ó, você é importante”. Então, as atitudes são as delicadezas do lugar, do processo de cada um, das pessoas. Às vezes as pessoas têm muita necessidade de falar, falar, falar, e às vezes você está dando uma oficina e fala: “ai, mas tem um aluno que não para de falar”. Por que será, né? E dentro de um espaço desse, também te dar essa importância. Sim, você é essa pessoa que vai continuar passando esse conhecimento. Não sei, mas digo que ficou muita coisa, e que eu também trouxe muita coisa.



SE VOCÊ PUDESSE FAZER UM GRAFFITI SOBRE ESSA EXPERIÊNCIA VIVIDA, COMO SERIA ESSE DESENHO?

Não sei, não, gente, vocês iam ter que me ajudar a construir esse rolê junto, ia ter que ser sem esboço, na hora, sabe? Sem colinha. Não tem como, não. Isso... é muito sentimento envolvido. Acho que teria que ser o rolê coletivão, mesmo, todo mundo pôr a mão "livre das técnicas". Acho que a frase seria essa: "uma arte livre das técnicas, só com emoção."

Eu acho que é isso, né? A gente tá aprendendo junto. Enfim, a Luara não tá aqui, que é o meu primeiro contato... Eu acredito que os erros, as falhas... É isso, a gente tá fazendo um projeto, a gente nunca sabe, né. Acho que... procurar melhorar essa comunicação do artista, trazer mais próximo, tirar desse lugar de "uma pessoa contratada para fazer um trabalho". Trazer mais para a organização, também. Eu entendo que vocês são vários educadores, várias pessoas, acho que é tentar colocar todo mundo nessa roda. Mesmo

sendo um indivíduo – por todas as coisas que falamos, sobre como vamos estar nos espaços –, como essa pessoa que vai estar lá passando algum tipo de mensagem, compartilhando, dividindo, como que ela se organiza melhor. E é isso, é projeto, estamos aqui também, ó, organizando um projeto, e a gente teve algumas coisas e agora está tentando arrumar, pra melhorar pra quem vem depois.

E, principalmente, quando falamos de pessoas racializadas, precisamos muito entender em que lugar cada uma está. Eu entendo em que lugar eu tô, o que sou. Entendendo o que você é e faz, eu acho que tira desse lugar de hierarquia. A gente precisa quebrar isso dentro da arte. Sabemos que estamos dentro de um sistema, enfim, faz parte. Mas acredito que a maioria daqui é das artes, então a gente não tem uma simetria – a gente precisa quebrar isso. Por exemplo, eu podia chegar aqui e falar: “gente, queria dar como devolutiva pro Tomie isso daqui, que pra mim vai falar muito mais o que eu quero dizer”. Então tô trazendo pra essa coisa da escrita. Minha fala vai ser transcrita. É muito difícil, né, gente, fazer isso. Como se transcreve? Essa emoção... Então, gostaria de oferecer essa devolutiva que não fosse das palavras. Porque eu não sou das palavras, né, infelizmente? Não canto. Se cantasse, ia cantar. Então, gostaria de trazer essa devolutiva de uma outra maneira. Entende?



CONVÍVIO

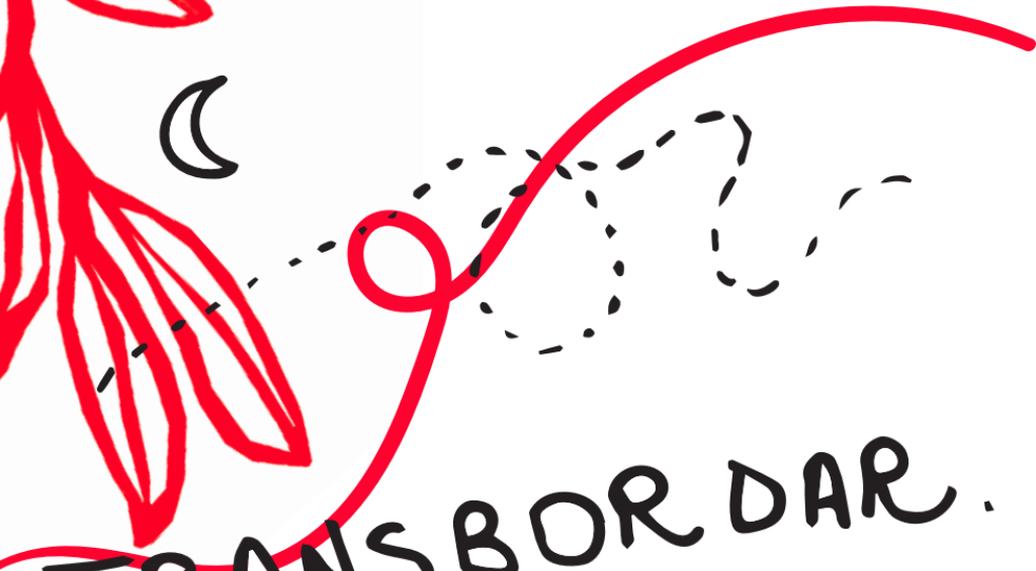




CLIQUE
E OUÇA

Esta seção é inspirada na oficina “Quando vi, a poesia esbarrou em mim e nem me pediu desculpa”, ministrada por Jenyffer Nascimento em agosto de 2022, e que resultou em um mural com recados das participantes em diálogo com trechos lidos do livro *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus (1914-1977).





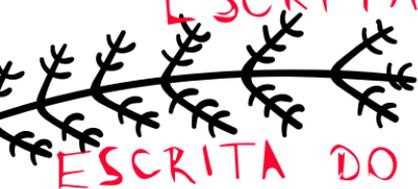
TRANSBORDAR.



A VIDA ACONTECE
O TEMPO TODO.

Sonhos

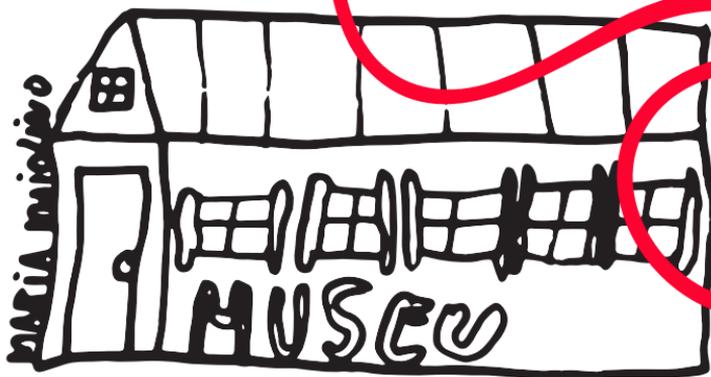
ESCRITA DE SI



ESCRITA DO MUNDO



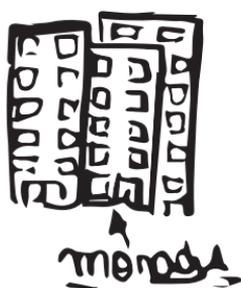
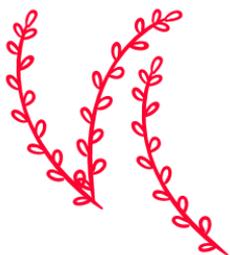
O percurso da vida
como poesia



UMA MULHER NEGRA,
QUE CONDENSA
O PASSADO,
O PRESENTE,
O FUTURO! ▽



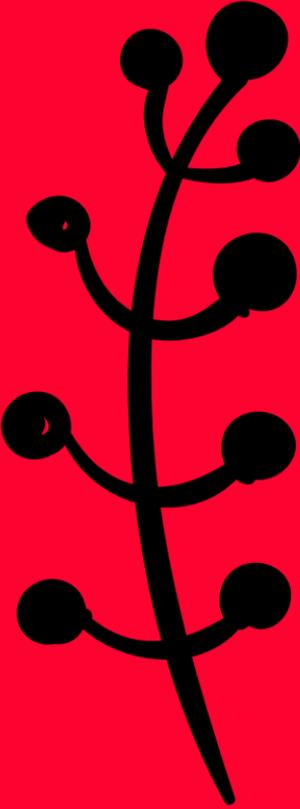
POESIA É QUANDO
ALGUÉM PERGUNTA
POR ONDE VOCÊ
ANDOU.



"CRIAR RAÍZES
e
DAR SEMENTES."

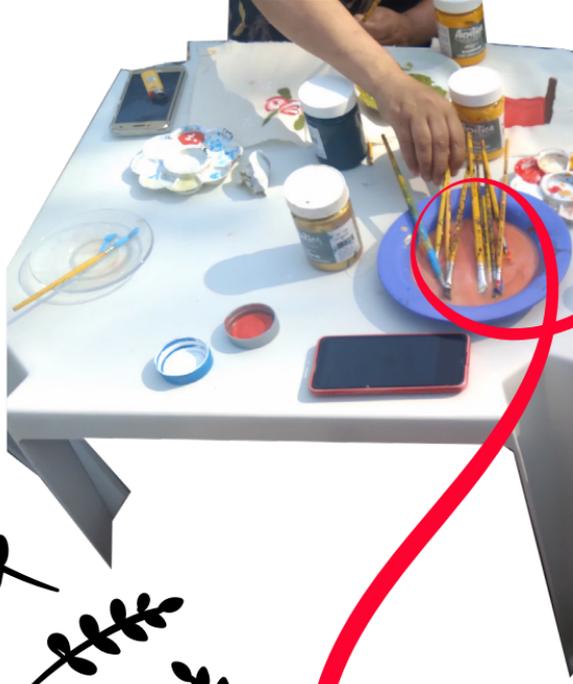


CONTINUIDADE



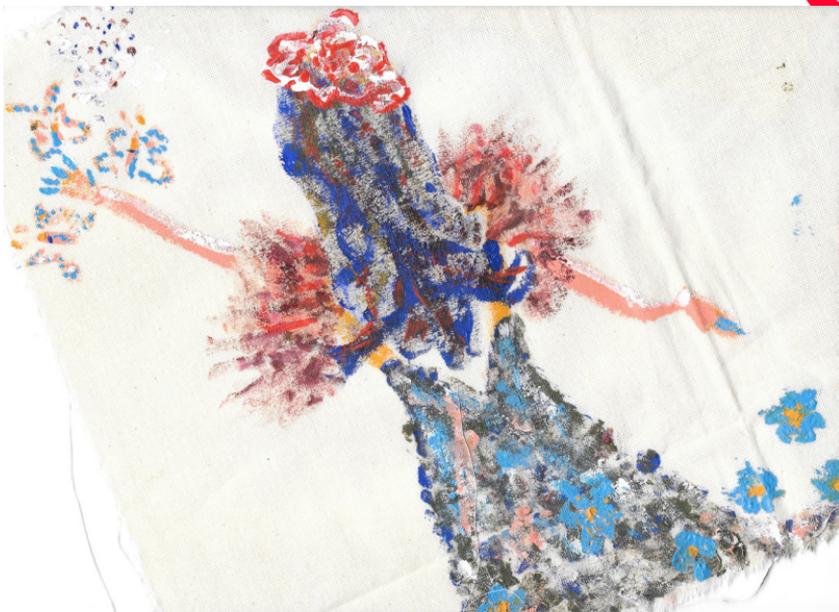


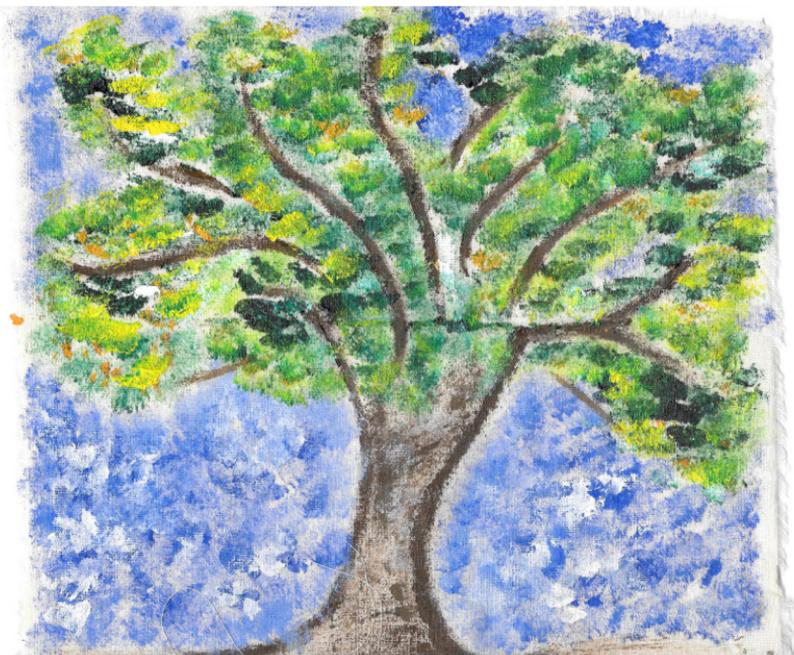
As imagens utilizadas nesta seção foram feitas no encontro entre os educadores Andrea Lalli, Guilherme Lima, Jordana Braz e Kaya Fernanda Vallim com as participantes que ainda se encontravam no CAE Maria Maria, em outubro de 2022.















CLIQUE
E OUÇA

AUTORAS

Andrea Lalli é artista visual, arte-educadora e pesquisadora. Mestranda em Poéticas Visuais e Processos de Criação pelo IA-Unicamp, pós-graduada em Artes Visuais, Intermeios e Educação pela mesma instituição (2022) e bacharela em Ciências Sociais pela FFLCH-USP (2018). Há oito anos trabalha como educadora em diversas instituições culturais, desenvolvendo oficinas, ações e mediações com públicos diversos. Atualmente integra a equipe educativa do Instituto Tomie Ohtake, articulando sua pesquisa artística ao seu trabalho como educadora.

Divina Prado é educadora, pesquisadora e escritora. Tem bacharelado em Comunicação Social pela ECA-USP e atua há mais de dez anos nas áreas de educação, arte e cultura. Atualmente integra a coordenação da Escola Tomie Ohtake e paralelamente trabalha com revisão de texto, pesquisa, produção de conteúdo, criação de materiais educativos, consultoria para projetos educativos e formação sobre artes, cultura e educação.

Guilherme Lima Fernandes é arte-educador, com experiência no campo formal e não formal de mediação e ensino de arte. É graduado em Artes Visuais pela Faculdade Paulista de Artes (FPA). Desenvolve pesquisas acerca da iconografia e iconologia do corpo negro na arte brasileira e, como artista visual, dedica-se à produção de xilogravura, monotipia e pintura. Atualmente integra a equipe educativa do Instituto Tomie Ohtake.

Janette Santiago é artista da dança, atriz, educadora e orientadora corporal. Por 20 anos fez parte da Cia Imago, onde acumulou extensa experiência em teatro infantil atuando como manipuladora de bonecos. No âmbito da dança, tem como principal referência as danças de matriz negra e qualquer estímulo que a faça mover e refletir sobre a sua atuação e existência como mulher negra, mãe e artista. Toda a sua experiência se deu através de estudos práticos com mestres e professores. Foi professora no programa de formação em dança e em cursos livres na Escola de Dança de São Paulo (Antiga Escola de Bailado - Theatro Municipal de São Paulo). Deu aulas no Projeto Núcleo Luz e na Fábrica de Cultura Jaçanã. Desde 2009 é professora regular de dança na Sala Crisantempo, onde vem tecendo o que hoje chama de Experimentos Afro Corpóreos. Já ministrou aulas em vários espaços de São Paulo, Salvador, Belém do Pará e Argentina. Em 2020 integra o corpo docente da Escola Livre de Teatro de Santo André. Como orientadora corporal, trabalhou com a Cia Os Crespos, Cia Ludens, a Velha Companhia, Cia Persi, entre outras. Em 2019 performou na exposição “Ounje - Alimento dos Orixás” no Sesc Ipiranga. Participou da Série “Nós Negros” - SescTv (2018), performance vídeo artístico e no videodança “Sobretudo” (2017), exibido em vários festivais e na Bienal de Dança de 2019, ambos com a direção de Ana Paula Mathias. Em 2020 participou do projeto IC para Crianças do Itaú Cultural e do projeto Obinrin - Corpo e Voz para Resistir. Em 2021 estreia a videodança A TORRE, com direção de Vinícius Dantas, e participa do 1º Encontro de Dança, Voz e Cultura Negra de Carapicuíba com o Solo OMI. Atualmente é professora na Escola Livre de Dança de Santo André.

Jordana Braz é educadora e pesquisadora. Mestranda em Estudos Literários pelo programa de pós-graduação pela Unifesp, pós-graduada em Gestão de Projetos Culturais pelo CELACC-USP e graduada em Letras pela Unifesp. Atua em educativos desde 2014 e desde 2017 é educadora-pesquisadora do Instituto Tomie Ohtake. Em 2018 iniciou uma pesquisa em relações étnico-raciais na educação e nas práticas de mediação em arte.

Kaya Fernanda Vallim é mulher trans, educadora, pesquisadora, multiartista e produtora, nascida e criada na Zona Leste da cidade de São Paulo. É técnica em vestuário, desenhista de moda e costureira formada pela escola Senai Eng. Adriano José Marchini. Tem foco em produção de artes integradas e visando a especialização em Arte Têxtil (Têxtil + Texto). Atualmente integra a equipe educativa do Instituto Tomie Ohtake.

NeneSurreal começou sua trajetória artística em vivências diárias obrigatórias que anos mais tarde lhe trariam grandioso respeito e aprendizado na área, sendo aprendiz de artesã com sua avó. Hoje essas atividades fazem dela uma multiplicadora, no que tange ao processo de economia solidária, fazendo com que mulheres, crianças e adolescentes aprendam as técnicas e transformem o aprendizado em geração de renda. É mulher negra, periférica, mãe, avó, artista plástica, artesã, educadora social, escultora, pintora, artista visual e grafiteira, criadora da grife NeneSurreal (roupas pintadas na técnica do graffiti para todas as mulheres, especialmente para as plus size). Na intenção de refinar técnicas e estilo próprio, buscou na vida acadêmica respostas

para algumas de suas questões; saiu da área da saúde, na qual trabalhava até então, para se dedicar integralmente à arte. Atuante desde 1996, realiza atualmente diversas parcerias e participações em exposições, por todo território nacional e internacional, destacando-se: Centro Cultural Banco do Brasil, Casa do Hip Hop, Ação Educativa, Casa das Caldeiras, Festival de Arte Negra (BH), Encontro Internacional de Mulheres: Cores do Amanhã, entre outros. Como forma de reconhecimento, foi ganhadora do Prêmio Sabotage em 2016 e nesse mesmo ano participou do documentário “Mulheres Negras: Projetos de Mundo”, sob direção de Day Rodrigues e Lucas Ogasawara. No Dia do Graffiti em 2018, a Ação Educativa marcou sua 15ª edição homenageando-a por seu trabalho como resposta às injustiças sofridas pela população pobre e preta, sobretudo pelas mulheres. Participou também de oficinas e rodas de conversas, graffiti fine art, entrevistas e documentários no mesmo ano. No ano de 2019, organizou e realizou a Ocupação das Minas, Performances e Workshops em São Paulo. Assim como as flores “atravessam África com suas cores”, chegou com a sua arte em Viena, participando de festivais LGBTQI+, Wienwoche, Reflectfestivalvienna, Planet10vienna, Graffiti/ Galeria EMA VIENNA. E ao longo de sua trajetória, também atua como organizadora e curadora de eventos com diversidade cultural, destacando e priorizando sempre enaltecer a mulher negra.

Paula Salles iniciou sua formação em dança em família onde teve intenso contato com as danças negras populares como o samba e as danças de baile black da década de 1970. O espaço de dança Ruth Rachou na cidade de São Paulo foi sua primeira escola de dança, onde permaneceu por um período de dez anos estudando vários estilos da dança moderna e com profissionais como Ana Maria Syer, Toninho de Jesus, Mariana Muniz, Ruth Rachou, entre outras(os). Mestre em comunicação e semiótica pela PUC-SP, especialista em estudos contemporâneos em dança pela UFBA e bacharela e licenciada em dança pelo Instituto de Artes da Unicamp. É professora de licenciatura em dança e teatro da Faculdade Paulista de Artes desde 2000. Atua como artista-docente e pesquisa a relação entre corpo e comunicação na religião com interesse no diálogo inter-religioso através da dança contemporânea, assim como com os processos de comunicação das gestualidades do corpo negro oriundo das suas oralidades e crenças. Os solos de dança *Conhece-Te-A-Ti-Mesmo*, (2007); *Fé - Um lugar onde o tempo para*, (2022), o espetáculo *Sobre Glúteos, Cadeiras e Histórias* (2015) e *Dançadoras de Histórias* (2020), todos repertório da Ouvindo Passos Cia de Dança, da qual é membra e cofundadora desde 2013, são fragmentos destas pesquisas. No ano de 2020, a Ouvindo Passos Cia de Dança foi contemplada pelo 29º Edital de Fomento à Dança da Cidade de São Paulo com o projeto *Poéticas de Interferências*, com o qual Paula Salles recebeu o Prêmio Denilton Gomes 2021 como intérprete de dança de São Paulo, pela atuação no espetáculo em formato on-line *Sobre Glúteos, Cadeiras e Histórias*.













FELICIDADE • SEMPRE

C
Δ

V
MAR



Presidente Estatutário

Ricardo Ohtake

Conselho Deliberativo

Flavia Almeida *presidente*

Tito Enrique da Silva Neto

vice-presidente

Altamiro Boscoli

Antonio Meyer

Aurea Vieira

Daniela Villela

Fernando Morais

Fernando Shimidt

Heitor Martins

Jandaraci Araujo

João Vieira da Costa

Lilia Moritz Schwarcz

Luciana Trajano

Marlui Miranda

Paula Mello da Rocha Azevedo

Renata Motta

Roberto Miranda de Lima

Rodrigo Bresser-Pereira

Sergio Gusmão Suchodolski

Sueli Carneiro

Walter Appel

Conselho Fiscal

Miguel Gutierrez

Patricia Verderesi

Sérgio Miyazaki

Núcleo de Pesquisa e Curadoria

Paulo Miyada *curador-chefe*

Priscyla Gomes

Julia Cavazzini

Diego Mauro

Núcleo de Cultura e Participação

Carol Tonetti *diretora*

Ana Karina Nogueira

Andrea Lalli de Freitas

Claudio Rubino

Dara Roberto

Divina Prado

Fernanda Beraldi

Guilherme Lima Fernandes

Gustavo Sousa

Jane Santos

Jordana Braz

Kaya Fernanda Vallim

Natame Diniz

Renata Araújo

Sabrina Fontenele

Vera Nunes

Núcleo de Produção de

Exposições e Projetos

Vitoria Arruda *diretora*

André Luiz Bella

Carolina Pasinato

Karina Mignoni

Ligia Pedra

Lucas Fabrizzio

Pedro Lemme

Ricardo Miyada

Rodolfo Borbel Pitarello

Administração e Desenvolvimento

Institucional

Gabriela Moulin *diretora*

Administração

Bruno Damaceno

Carlito Oliveira Junior

Ollyver Silva Martins *aprendiz*

Tatiane Romani

Willian dos Santos

Projetos

Beatriz Saghaard

Beatriz Lima de Jesus *aprendiz*

Captação

Julia Bergamasco

Ana Paula Silva

Rafael Pinheiro

Design Gráfico

Vitor Cesar Junior

Felipe Carnevalli De Brot

Tecnologia da Informação

Wesley Pereira da Silva

Secretaria

Maria de Fátima Rocha

Comunicação

Flávio Silva

Vaneska Rezende

Assessoria de Imprensa

Pool de Comunicação

Marcy Junqueira

Martim Pelisson

Coordenação Operacional

Marcos Sutani

Apoio

Alessandro Oliveira

Bruna Silva

Cristiane Aparecida Santos

Edmilson Pereira

Edna Cristina Simão

Edson José

Elcio Borges

Eliane Karsch Firmino

Elza Martins

Fábio Araújo

Jonas Pires

Leticia Ribeiro da Silva

Marcelo Mariano

Raiana Ramos

Silvia Regina

Steven Washington

Tainara de Jesus Veloso

Vandoclécio Vicente

Técnica

Adilson Oliveira

Jacildo A. Paula

Silvio S. Lima

Jeferson Souza

Serviços Gerais

Elizandro Ferreira

Maria Aparecida da Silva

Maria Severina Gomes

Sebastião Alves Silva

Jairo Nascimento

Luciene Monteiro

Zelador

Aroldo Eça

Valdir Ramos

EXPERIÊNCIAS NEGRAS 6: TECENDO VIVÊNCIAS

Coordenação

Isadora Mellado

Jordana Braz

Luara Carvalho

Natame Diniz

Assistência

Andrea Lalli

Carolina Tonetti

Divina Prado

Guilherme Lima Fernandes

Kaya Fernanda Vallim

Natália Vinhal

Convidadas

Janette Santiago

Jennyffer Nascimento

Laís Oliveira

NeneSurreal

Paula Salles

Textos

Andrea Lalli

Carolina Tonetti

Divina Prado

Guilherme Lima Fernandes

Janette Santiago

Jordana Braz

Kaya Fernanda Vallim

NeneSurreal

Paula Salles

Imagens

Kaya Fernanda Vallim

Laís Oliveira

Design

Felipe Carnevalli De Brot

Revisão

Divina Prado

Lorrane Rodrigues

Narração

Andrea Lalli

Carolina Tonetti

Divina Prado

Guilherme Lima Fernandes

Gustavo Sousa

Janette Santiago

Jordana Braz

Kaya Fernanda Vallim

Natame Diniz

NeneSurreal

Paula Salles

Ricardo Miyada *edição*

Consultoria de acessibilidade

Claudio Rubino

Videolibras

Libras Mais

Beatriz Lopes *tradutora e intérprete de Libras*

Gracy Kelly Amaral Barros

locução e edição

Filipe Granja *legendagem*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Experiências negras 6 [livro eletrônico] :

tecendo vivências / organização Instituto
Tomie Ohtake ; coordenação Jordana Braz. --
1. ed. -- São Paulo : Instituto Tomie Ohtake,
2022.
PDF.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-89342-26-7

1. Arte afro-brasileira 2. Artes – Exposições –
Catálogos 3. Cultura afro-brasileira 4. Cultura
negra I. Ohtake, Instituto Tomie. II. Braz, Jordana.

22-138034

CDD-306.08996081

Índices para catálogo sistemático:

1. Afro-brasileiros : Artes : Cultura : Sociologia
306.08996081

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129



PARCEIROS INSTITUCIONAIS DO NÚCLEO DE CULTURA E PARTICIPAÇÃO:



IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO



REALIZAÇÃO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Pronac: 203086

